

**AMOR BLINDADO POR DEUS: A MANUTENÇÃO  
DA CONVIVÊNCIA AMOROSA PELO MERCADO  
DOS ENCONTROS DE CASAIS PENTECOSTAL**

***AMOR ARMADO POR DIOS: EL MANTENIMIENTO DE  
LA RELACIÓN AMOROSA A TRAVÉS DEL MERCADO DE  
ENCUENTROS MATRIMONIALES PENTECOSTALES***

***LOVE ARMORED BY GOD: THE MAINTENANCE  
OF LOVING COEXISTENCE BY THE MARKET  
OF PENTECOSTAL COUPLES' MEETINGS***

*James Washington Alves dos SANTOS\**

**RESUMO:** O presente artigo tem como objeto de estudo a noção de amor e casamento cristãos. Isso se dá pelo diálogo da tradição judaico-cristã, inspirada em sua formação, pelos textos bíblicos. Desta forma, buscamos considerar os argumentos interculturais, para a partir de dentro, mostrar a sociogênese e a configuração das noções de amor, casamento e heteronormatividade do pentecostalismo brasileiro atual. Isso nos leva não apenas a delimitação do objeto e sua metodologia, mas a implicação de que este tema é de suma importância para o entendimento da realidade cultural brasileira, haja visto, a defesa, de um modelo específico de amor, casamento e família que fomenta debates. Após a descrição destas noções, segue a análise de problemas como a autoridade masculina, a indissolubilidade da união matrimonial e a prática da sexualidade em vista da reprodutividade, bem como as crises reais

---

\* Instituto Federal de Alagoas – (IFAL), Palmeira dos Índios – AL – Brasil. Coordenação de Ciências Humanas, Códigos e Linguagens – Sociologia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5491-3716>. E-mail: [james.was@hotmail.com](mailto:james.was@hotmail.com).

provenientes destes problemas e a tentativa de amenização, por meio da formação religiosa, via encontro de casais. Esta referida análise, tem como base as teorias de Norbert Elias (no referente a configuração social e a questão da sociogênese).

**PALAVRAS-CHAVE:** Amor. Casamento. Heteronormatividade. Pentecostalismo.

**RESUMEN:** *El presente artículo tiene como objeto de estudio la noción de amor y matrimonio cristiano. Esto se hace a través del diálogo de la tradición judeo-cristiana, inspirada en su formación por los textos bíblicos. De esta manera, buscamos considerar argumentos interculturales para buscar desde dentro la sociogénesis y configuración de las nociones de amor, matrimonio y heteronormatividad del actual pentecostalismo brasileño. Esto nos lleva no sólo a la delimitación del objeto y su metodología, sino a la implicación de que este tema es de suma importancia para la comprensión de la realidad cultural brasileña, dada la defensa de un modelo específico de amor, matrimonio y familia que fomenta los debates. Tras la descripción de estas nociones, sigue el análisis de problemas como la autoridad masculina, la indisolubilidad de la unión matrimonial y la práctica de la sexualidad con vistas a la reproductividad. Esto implica también un intento de solución, a través de la formación religiosa, mediante un encuentro de parejas, a los problemas reales encontrados. Este análisis se basa en las teorías de Norbert Elias (sobre la configuración social y la cuestión de la sociogénesis).*

**PALABRAS CLAVE:** Amor. Matrimonio. Heteronormatividad. Pentecostalismo.

**ABSTRACT:** *This article has as its object of study the notion of Christian love and marriage. This happens through the dialogue of the Judeo-Christian tradition, inspired in its formation, by the biblical texts. By seeking to consider the intercultural arguments for showing, from the inside, the sociogenesis and configuration of the notions of love, marriage and hetero-normativity of current Brazilian Pentecostalism. This leads us not only to the delimitation of the object and its methodology, but to the implication that this theme is of paramount importance for the understanding of the Brazilian cultural reality, as seen in the defense of a specific model of love, marriage and family which instigates debates. After describing these notions, the analysis of problems such as male authority, the indissolubility of the matrimonial union and the practice of sexuality in view of reproducibility follows. It also implies in an attempt of finding the solution, either by the religious education or by couple's meetings, to the real crises arising from these problems. This analysis is based on Norbert Elias' theories (regarding the social configuration and the issue of socio-genesis).*

**KEYWORDS:** Love. Marriage. Hetero-normativity. Pentecostalism.

## Introdução

Este artigo tem como objeto de estudo a noção de amor e casamento cristãos, modelados pelo diálogo da tradição judaico-cristã, com suas bases na lei mosaica (conjunto de códigos prescritos por Moisés para o povo israelita, expostos nos livros de Êxodo e Deuteronômio) e nos argumentos de Jesus, expostos no evangelho de Mateus. A problemática aqui é o próprio ponto de partida. É possível traçarmos um diálogo sociológico a partir de uma observação dos trechos bíblicos? Nossa proposta é de que isto é não apenas possível, mas viável enquanto análise, pelo fato de se partir de concepções próprias de uma cultura, analisando primeiro “de dentro”, sua sociogênese e configuração (ELIAS, 2006, p.21-33). Portanto, ter uma visão segura das disposições culturais do cristianismo contemporâneo, no referente às suas concepções de amor, casamento e heteronormatividade.

Salientamos também que o uso dos textos bíblicos, acompanha o uso de relatos de campo e trechos de palestras (guardados os sigilos dos relatos e expondo apenas a palestra do pastor Cláudio Duarte, disponível no *youtube*), como uma tentativa de fundamentação metodológica, como já dita, configuracionista<sup>1</sup>, correspondente a expor todos os principais enxertos, que interpretados de uma dada maneira (mais literal), pelos pentecostais brasileiros, permite influir concepções de heteronormatividade, transformadas em doutrina religiosa.

Neste sentido, nosso trabalho aponta, em um primeiro momento, para a descrição dos três tipos básicos de amor, relatados bíblicamente no Antigo Testamento (AT) e no Novo Testamento (NT), (a saber, os modelos: ágape, filial e erótico). Argumentamos também, sobre a relação simbólica das figuras do noivo e da noiva e de Jesus e a igreja. Esta é a fundamentação moral que provocará o misticismo entre nubentes, amor e casamento como elementos sagrados, defendidos pelo cristianismo no Brasil.

Num segundo momento, abordaremos os problemas concernentes ao amor e ao casamento, na forma de uma heteronormatividade, e especificamente nas questões da autoridade masculina, indissolubilidade da união e sexualidade como procriação. Já num terceiro momento, mostramos, mesmo que de forma introdutória, as tentativas de resolução dos problemas da heteronormatividade, pela criação e disseminação de encontros para casais, no formato litúrgico e de conferências, com suas variantes de *coaching*, autoajuda e *stand-up*.

---

<sup>1</sup> Segundo Elias (2006, p.25), “há figurações de estrelas, assim como de plantas e de animais. Mas apenas os seres humanos formam figurações uns com os outros. O modo de sua vida conjunta em grupos grandes e pequenos é, de certa maneira, singular e co-determinado pela transmissão de conhecimento”.

## O misticismo do amor cristão

O amor entre homem e mulher (heterossexual, monogâmico e heteronormativo) é um dos temas mais caros a lógica religiosa ocidental, balizada pelos pressupostos do judaísmo e do cristianismo primitivo, que remonta desde narração mitológica de Gênesis (livro bíblico que fala sobre a criação do homem, da mulher e da instituição matrimonial), até o percurso ministerial de Jesus, com seu discurso sobre o modelo judaizante de matrimônio e as reformas intrínsecas por ele propostas (FOUCAULT, 2019).

Diante disso, faz-se necessário remontarmos o que o modelo de amor e matrimônio judaico-cristão propõe. Para tal, começaremos com as categorias de amor ágape, filial e erótico. O primeiro deles, faz jus a um modelo de um Deus criador, cuidador e messiânico, que escolhe um povo, é por este mesmo povo rejeitado, mas busca sua libertação material e espiritual, como compromisso de fidelidade, sendo este mesmo amor confirmado de maneira radical, pelo envio de um messias libertador, segundo os relatos bíblicos<sup>2</sup> (LEMAIRE, 2011). Já o amor filial, apresenta-se como um modelo ligado ao chamado imperativo categórico (KANT, 2009), que prescreve o bom tratamento aos pares (não se faz ao próximo, aquilo que não se quer para si).

Estes dois modelos iniciais, o ágape e o filial, foram modelos inspirados na própria lógica mosaica, presente no decálogo (os 10 mandamentos) e na aliança patriarcal, que liga o Deus metafísico ao povo que peregrina no Oriente Médio, tentando achar um lugar entre o Eufrates e o Tigre para se estabelecer (LEMAIRE, 2011). Isso gerou uma relação moral dual: o amor de Deus aos seres humanos e deles para com a divindade, na forma de um compromisso. Uma espécie de casamento de um povo com o Deus de sua proteção e ao mesmo tempo de consideração mútua dentro do contexto tribal:

Não terás outros deuses diante de mim.

Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra.

Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão.

Lembra-te do dia do sábado, para o santificar.

Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor, teu Deus, te dá.

Não matarás.

Não adulterarás.

---

<sup>2</sup> Estes relatos podem ser encontrados em: Livro de Isaías 9, 6 e Evangelho de Lucas, 2, 11 (BIBLIA, 1995).

Não furtarás.

Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.

Não cobiçarás a casa do teu próximo; não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo. (BÍBLIA, Livro de Êxodo, 20, 1-17).

Através destas regras, culturalmente, para o povo israelita<sup>3</sup>, criou-se um entorno simbólico que relaciona: ser humano, divindade e relações sociais, envolvendo os negócios em geral e o próprio casamento. Este regramento é também chamado de antiga aliança, substituída por uma nova relação, mais ampla, entre o mesmo Deus e as pessoas, desta vez não apenas israelitas, mas incluídas no contexto na antiga Judeia, Galileia, Samaria e os “confins da terra”. A este novo chamado dá-se o nome de nova aliança, proposta como um casamento entre todos os seres humanos e um Deus poderoso que os acolhe, protege e julga (ELIADE, 2011). Desta última aliança é tirada a alegoria da noiva, proposta no evangelho de Mateus, dentro da parábola das 10 virgens:

Então, o Reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do esposo. E cinco delas eram prudentes, e cinco, loucas. As loucas, tomando as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo. Mas as prudentes levaram azeite em suas vasilhas, com as suas lâmpadas. E, tardando o esposo, tosquejaram todas e adormeceram. Mas, à meia-noite, ouviu-se um clamor: *Aí vem o esposo! Sai-lhe ao encontro!* Então, todas aquelas virgens se levantaram e prepararam as suas lâmpadas. E as loucas disseram às prudentes: *Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas se apagam. Mas as prudentes responderam, dizendo: Não seja caso que nos falte a nós e a vós; ide, antes, aos que o vendem e comprai-o para vós.* E, tendo elas ido comprá-lo, chegou o esposo, e as que estavam preparadas entraram com ele para as bodas, e fechou-se a porta. E, depois, chegaram também as outras virgens, dizendo: *Senhor, senhor, abre-nos a porta!* E ele, respondendo, disse: *Em verdade vos digo que vos não conheço.* Vigiai, pois, porque não sabeis o Dia nem a hora em que o Filho do Homem há de vir (BÍBLIA, Evangelho de Mateus, 25, 1-13).

E também do texto escatológico de Apocalipse, como a noiva apresentada ao casamento:

E ouvi como que a voz de uma grande multidão, e como que a voz de muitas águas, e como que a voz de grandes trovões, que dizia: *Aleluia! Pois já o Senhor,*

---

<sup>3</sup> Conjunto de tribos que representam os descendentes de Jacó, que teve seu nome mudado para Israel.

Deus Todo-Poderoso, reina. Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-lhe glória, porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou. E foi-lhe dado que se vestisse de linho fino, puro e resplandecente; porque o linho fino são as justanças dos santos (BÍBLIA, Livro de Apocalipse, 19, 6-8).

Esta nova aliança, simbolicamente alicerçada pela figura da noiva (povo, igreja) e do noivo (Jesus), inspira não apenas uma simples união, mas uma devoção amorosa, calcada na obediência da noiva para com o noivo. Seguindo esta mesma linha de comportamento, isso inspira formas de interações sociais (GOFFMAN, 2010), ligadas estas à terceira forma de amor, descrito aqui como eros, que se constrói sobre alguns pilares importantes no contexto israelita desde a época patriarcal (com Abraão, Issac e Jacó), a saber: a presença do amor como obrigação de devoção da mulher para com o marido; **a possibilidade do masculino de aplicar o repúdio** e os escapes utilitários da poligamia.

No primeiro caso, a servidão feminina com base no modelo de sociedade patriarcal, envolve o pagamento de um dote que o pai do noivo deve dar ao pai da noiva. Esta compensação cambiável, refere-se ao pagamento real e também simbólico entre os dois chefes, possibilitando que o pai da mulher, seja recompensado pelo seu “bom trabalho” em entregar uma virgem dedicada aos serviços do lar, potencialmente geradora de filhos saudáveis e que, sendo boa educanda, tem os preceitos da lei mosaica como regra de vida.

Entregar uma mulher para o casamento era por si só, uma arte de presentear a família do noivo, com algo acima de qualquer valor monetário, tendo uma forte caracterização moral. Por sua vez, o noivo e sua família, deveriam atestar o caráter pela prova física, que era a virgindade, sendo a mesma inspecionada na noite de núpcias do casal, pelas virgens que acompanhavam a noiva (GOWER, 2012, p.61-66).

No decorrer do casamento, havia, porém, uma possibilidade de rompimento contratual do matrimônio, mal definida em termos de critérios, mas bem definida como mecanismo de descarte, que era a **possibilidade de repúdio da mulher** pelo fato de se encontrar “algo feio” que a desabonasse. Há que se dizer que a definição de “feio”, aqui, não demonstra pela análise textual, nada que acentue especificamente um aspecto físico ou moral, deixando vaga a interpretação precisa.

O que temos como fato é que esta situação veio como algo concreto, na forma de cartas de repúdio, enviadas à família como maneira de quebra de contrato nupcial, sem prejuízo para a parte masculina, que poderia contrair novo matrimônio, mas com alto prejuízo social para a “repudiada”, que poderia se casar apenas mais uma vez, voltando assim envergonhada para seu seio familiar (GOWER, 2012, p.66-67).

Quando um homem tomar uma mulher e se casar com ela, então, será que, se não achar graça em seus olhos, por nela achar coisa feia, ele lhe fará escrito de

repúdio, e lho dará na sua mão, e a despedirá da sua casa. Se ela, pois, saindo da sua casa, for e se casar com outro homem, e se este último homem a aborrecer, e lhe fizer escrito de repúdio, e lho der na sua mão, e a despedir da sua casa ou se este último homem, que a tomou para si por mulher, vier a morrer, então, seu primeiro marido, que a despediu, não poderá tornar a tomá-la para que seja sua mulher, depois que foi contaminada, pois é abominação perante o Senhor; assim não farás pecar a terra que o Senhor, teu Deus, te dá por herança. (BÍBLIA, Livro de Êxodo, 24, 1-4).

Com isso, a flexibilização do contrato, feito muitas vezes por meio da justificativa de alianças interfamiliares, com pares de primos cruzados, nos moldes de aliança por parentesco tribal<sup>4</sup> (LEVI-STRAUSS, 2012), fez surgir ainda no modelo patriarcal judaico, a possibilidade de bigamias e poligamias, sendo os casos mais ilustrativos, os de Abraão e Jacó e durante o período dos reis, o de Salomão. Este último, tinha a fama de ter em seu harém cerca de 1000 mulheres (700 esposas e 300 concubinas), que simbolizavam as mais diversas etnias e os mais variados acordos estatais, feitos durante o apogeu do reinado de Israel (970 - 931 a.C.).

A que se dizer que o modelo de casamento exposto no livro de Gênesis 2,8 (BÍBLIA, 1995), era monogâmico e será defendido o seu retorno por Jesus, como uma espécie de fato social, que fora relativizado pelos próprios israelitas, mas que teria novamente seus pontos de exterioridade e coercitividade exaltados (DURKHEIM, 2007). Antes disso, na questão do contexto poligâmico é inserida pelo próprio Salomão, em termos poéticos, uma espécie de exaltação do contato carnal e da satisfação em se ter a companhia feminina ao lado. Seus textos, em especial Cantares, exaltam simbolicamente partes do corpo feminino, comparando-o a elementos naturais e geográficos, dos lugares conhecidos por ele, além das alegorias sinestésicas que mesclam sentimentos e emoções em seus escritos:

De noite busquei em minha cama aquele a quem ama a minha alma; busquei-o e não o achei. Levantar-me-ei, pois, e rodearei a cidade; pelas ruas e pelas praças buscarei aquele a quem ama a minha alma; busquei-o e não o achei. Acharam-me os guardas, que rondavam pela cidade; eu perguntei-lhes: Vistes aquele a quem ama a minha alma?

Apartando-me eu um pouco deles, logo achei aquele a quem ama a minha alma; detive-o, até que o introduzi em casa de minha mãe, na câmara daquela que me gerou. Conjurou-vos, ó filhas de Jerusalém, pelas gazelas e cervas do campo, que não acordeis nem desperteis o meu amor, até que queira. Quem é esta que sobe

<sup>4</sup> Os casos de Issac e Rebeca; Jacó e Raquel, ilustram esta situação de casamentos de modelo intertribal, conforme os seguintes textos: (BÍBLIA, Livro de Gênesis 24,1-6; 29,16).

do deserto, como colunas de fumaça, perfumada de mirra, de incenso e de toda a sorte de pós aromáticos? Eis que é a liteira de Salomão; sessenta valentes estão ao redor dela, dos valentes de Israel. Todos armados de espadas, destros na guerra; cada um com a sua espada à cinta, por causa dos temores noturnos. O rei Salomão fez para si um palanquim de madeira do Líbano. Fez-lhe as colunas de prata, o estrado de ouro, o assento de púrpura, o interior revestido com amor pelas filhas de Jerusalém. (BÍBLIA, Livro de Cantares, 3, 1-10).

Após estas referidas fases (de domínio patriarcal alicerçado em acordos tribais; de sanção na lei mosaica de dispositivos de repúdio e dominação masculina e de justificação de modelos de bigamia e poligamia por motivos de aliança familiar e intertribal/estatal), chegamos ao ponto crucial da contestação.

Não bastava Jesus ser acusado de se colocar como um falso messias pelos Israelitas (apesar disso não ser considerado pelo império romano, algo preocupante), seu discurso atinge com força dois pontos cruciais da política e da religião deles, em vigência no séc. I d.C.: o modelo econômico do mercado de sacrifícios e o modelo de uniões matrimoniais, alicerçado na poligamia e na possibilidade de rompimento contratual repentino. No primeiro, por se colocar na posição daquele que se sacrificaria pelos outros, ele se torna argumento vivo da ineficácia do mercado de aves, caprinos e bovinos, para a dita expiação dos pecados (GONZÁLEZ, 2011). Como pela sua morte, todo este processo seria considerado inútil simbolicamente, assim, ele próprio se transforma em uma ameaça.

O ponto forte desta questão, não é nem a sua morte em si, mas a possibilidade dada pelo próprio Jesus de uma ressurreição iminente, algo que atormenta os mercadores de sacrifícios, visto que, se o argumento da ressurreição é verdadeiro, a vida moral é por si só um passaporte para o alcance da imortalidade (nesta ótica) e não os sacrifícios como oferta de pacificação da ira divina (BRUCE, 2019).

No lado matrimonial, Jesus é responsável por solidificar, segundo a narração bíblica, a mudança de postural relacional no casamento, defendendo um modelo monogâmico, heterossexual, alheio completamente às regras de repúdio e impondo uma “blindagem simbólica” à união matrimonial. Segundo a interpretação cristã, esta nova leitura, aceita apenas duas formas de dissolução: a morte e o adultério.

E aconteceu que, concluindo Jesus esses discursos, saiu da Galileia e dirigiu-se aos confins da Judeia, além do Jordão. E seguiram-no muitas gentes e curou-as ali. Então, chegaram ao pé dele os fariseus, tentando-o e dizendo-lhe: É lícito ao homem repudiar sua mulher por qualquer motivo? Ele, porém, respondendo, disse-lhes: Não tendes lido que, no princípio, o Criador os fez macho e fêmea e disse: Portanto, deixará o homem pai e mãe e se unirá à sua mulher, e serão dois numa só carne? Assim não são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus

ajuntou não separe o homem. Disseram-lhe eles: Então, por que mandou Moisés dar-lhe carta de divórcio e repudiá-la?

Disse-lhes ele: Moisés, por causa da dureza do vosso coração, vos permitiu repudiar vossa mulher; mas, ao princípio, não foi assim.

Eu vos digo, porém, que qualquer que repudiar sua mulher, não sendo por causa de prostituição, e casar com outra, comete adultério; e o que casar com a repudiada também comete adultério. Disseram-lhe seus discípulos: Se assim é a condição do homem relativamente à mulher, não convém casar. Ele, porém, lhes disse: Nem todos podem receber esta palavra, mas só aqueles a quem foi concedido. Porque há eunucos que assim nasceram do ventre da mãe; e há eunucos que foram castrados pelos homens; e há eunucos que se castraram a si mesmos por causa do Reino dos céus. Quem pode receber isso, que o receba. (BÍBLIA, Evangelho de Mateus 19, 1-12).

Aqui se consolida uma visão mística do amor dentro da lógica do casamento. Ao Jesus estabelecer estes parâmetros morais, rompendo com iniciativa de alianças políticas travestidas de matrimônio, bem como, a conveniência da relatividade cultural, ele impõe a construção da aliança matrimonial como autoridade em si, mas também de cuidado, mais próximo a uma dedicação amorosa e econômica, definindo acordos e categorias básicas morais (DOUGLAS, 2007). Por interpretação bíblica, focada na literalidade do texto, esta visão é incorporada pelas denominações pentecostais no Brasil, que, por mais polissêmicas que sejam, parecem entrar em um consenso argumentativo, lógico e discursivo, dando ao amor e ao matrimônio, um formato relacional, mas ao mesmo tempo espiritual e doutrinário (MARIANO, 1999; LÉONARD, 2002).

Apegando-se nas interpretações de Paulo aos Efésios 5, 22-33 (BÍBLIA, 1995), é feita uma forte analogia entre o homem e a mulher e entre Jesus e igreja, nas figuras alusivas ao noivo e a noiva. Mas aqui, o corpo entra em cena, algo que um dá ou outro, como sinal de aliança, sentindo as mesmas dores e ao mesmo tempo o prazer da convivência. Não se esconde também as disposições desiguais de autoridade, dando ao homem a posição de cabeça e a mulher a figura de uma obediente servidora, que deve ser tratada com o todo o respeito e amada, o que implica em obrigações e violência simbólica distribuída para os dois lados da questão (BOURDIEU, 2001). Aqui se separam duas prerrogativas: a de decisão ao homem e a de merecimento do amor e do respeito a mulher. É esta a lógica imperativa neotestamentária que nos interessa aqui evidenciar e como ela é fruto de uma interpretação protestante (pentecostal e também histórica):

Vós, mulheres, sujeitai-vos a vosso marido, como ao Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo. De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seu marido. Vós, maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível. Assim devem os maridos amar a sua própria mulher como a seu próprio corpo. Quem ama a sua mulher ama a si mesmo. Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria carne; antes, a alimenta e sustenta, como também o Senhor à igreja; porque somos membros do seu corpo. Por isso, deixará o homem seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher; e serão dois numa carne. Grande é este mistério; digo-o, porém, a respeito de Cristo e da igreja. Assim também vós, cada um em particular ame a sua própria mulher como a si mesmo, e a mulher reverencie o marido (BÍBLIA, Carta de Paulo aos Efésios, 5, 22-33).

Esta dimensão mística, trouxe para o lógica do casamento cristão um modelo específico de papéis e ao mesmo tempo a tentativa de forjar um modelo sólido de relações, que mesmo diante das mais sérias crises financeiras, de violência simbólica, física ou desrespeito, não se dá ao direito de sucumbir, criando assim uma série de lacunas que vão desde a construção da fachada de casamentos de aparência, até casos de violência e humilhação graves, onde o respeito e confiabilidade já não existem enquanto sentimento e ação. Por isso, diante dos problemas que o engessamento de tal modelo proporcionara, pouco a pouco suas crises foram de tornando mais notáveis e graves.

## Uma heteronormatividade disposta à crise

Mediante o processo de colonização cristã, o modelo heteronormativo chega a América em sua formatação católica e se solidifica, pelos pressupostos do protestantismo de invasão, migração e missão, remontando os séculos XVI, XIX e XX (MENDONÇA, 2004). Este mesmo modelo se mescla entre terras brasileiras as formas de domínio patriarcal, tendo como preponderante a figura masculina.

Contudo, no referente ao pentecostalismo em particular, trazido a partir de 1910 e 1911 pela Congregação Cristã do Brasil (com Luigi Francescon) e as Assembleias de Deus (com Daniel Berg e Gunnar Vingren), respectivamente, este promove, principalmente na segunda denominação, a presença de mulheres na evangelização e até mesmo na direção de cultos e templos. Com isso, o modelo de

união entre homem e mulher, gerando filhos, é também o de um trabalho eclesial colaborativo, na medida da solidariedade orgânica ou por similitude, em âmbito funcional diante das atividades.

Isso não feria necessariamente o princípio já argumentado aqui, da dominação do masculino sobre o feminino, mas abria um ponto de equilíbrio dentro da gestão e participação eclesiais. O fato é que a figura masculina, eclesialmente sobrecarregada por ser numericamente pequena, sofria diante do trabalho, fragilizada pela debilidade de saúde, encontrando-se na dependência e na incapacidade de lidar com os encargos do casamento (filhos, mulher e trabalho) e ainda da igreja (evangelização, aconselhamento e pregação). Entre estes casos podemos citar o do próprio fundador das Assembleias de Deus: Gunnar Vingren, que tinha saúde frágil, agravada pelas várias vezes em que contraiu malária (CORREA, 2013).

A primeira questão substantiva sobre a heteronormatividade cristã é a solidez da figura masculina como figura de liderança. Sua posição de destaque depende mais do que o simples arranjo institucional, tornando-o automaticamente um líder. Para isso existem condições biológicas fundamentais: força, disposição as atividades de trabalho, controle da provisão, modo de fala e persuasão, que são espécies de fardos sociais que se não bem administrados, podem por em questão a dominação simbólica e efetiva do masculino (BOURDIEU, 2019).

Da parte do feminino, a autonomia de decisão, por vezes alojada como segunda opinião, pode vir a ser aos poucos alavancada a condição de opinião necessária, não só pela ausência de um chefe familiar, mas pela necessidade de se ter um governo doméstico, que traga com a mulher, os mesmos aspectos ligados ao homem e citados aqui: força, disposição ao trabalho, controle da provisão, persuasão pela fala, entre outros (BEAUVOIR, 2008).

Isso se evidencia através de falas de mulheres assembleianas com as quais foi possível ter contato e os relatos serem possíveis de recolher (por meio de entrevistas e conversas informais, no período de 2018 a 2020). Algumas destas mulheres mostram que apesar de concordarem que o homem governa a casa como “cabeça”, seu poder de autonomia diante de algumas das mulheres que trabalham e têm sua própria renda independente, se torna menor ou mesmo inexistente. Segundo o relato de C. F.:

Após 7 anos de relacionamento e 2 filhos, nunca me senti casada de fato. Queria a princípio um namoro com um homem mais velho, que pudesse cuidar de mim, mas logo veio a gravidez e as obrigações como membro da igreja, de casar. Não era minha vontade, mas para não envergonhar a família, fiz o casamento. Isso hoje é apenas um arranjo para mim, tenho minha liberdade de cuidar da casa e dos filhos, tenho meu salário fixo, trabalho também vendendo perfumes e utensílios domésticos e não me sinto dependente de ninguém. (Relato de C. F.).

A segunda questão substantiva que alicerça a heteronormatividade é a indissolubilidade da união matrimonial. Por si só, este pressuposto é negado pela própria tradição cristã apostólica, ao abrir a possibilidade de um julgo desigual vir o ser motivo de separação no casamento. Isso pode levar a uma questão contraditória: ao mesmo tempo em que se defende a indissolubilidade, também se questiona a manutenção de relações abusivas de ambas as partes. Primeiro, a consideração sobre o julgo desigual fora defendido quando um dos conjugues é cristão<sup>5</sup> e o outro não. O desrespeito, a violência e a falta de unidade, seriam pressupostos de uma separação, já que o cristão não estaria obrigado a “carregar” um não cristão que o desrespeita. Esta questão foi ampliada para a relação entre cristãos confessos e batizados, amparados pelas regras institucionais modernas, no mesmo ponto. Relações abusivas são desfeitas, contudo, mais na forma oficiosa do que oficial. Este é o nó górdio entre a manutenção da sustentação de um modelo ideal e as possibilidades de dissolução deste modelo matrimonial real, com seus desvios, com casos sérios de abuso corporal, vergonha, violência aberta e simbólica.

O casamento foi instituído por Deus no Éden e unindo homem e mulher, algo que só pode ser dissolvido se a aliança for quebrada, ou seja, se houver um caso comprovado de traição e também em caso de morte, pois, após esta vida, ninguém se dá ou recebe o outro em casamento. Mas está se tornando comum as queixas de casais que não se toleram e que não se respeitam mais. O limite disso é a violência verbal e física e o constrangimento, nestes casos aplica-se o julgo desigual pela parte afetada, mesmo dentro da igreja, Pois o que agride, na prática, não exerce os pressupostos cristãos. É um mundano ou mundana, travestido de cristão, oprimindo outros, usando para isso a desculpa da indissolubilidade do casamento. (Relato do pastor E. L.).

Nesta discussão é possível refletir que o amor eros, não trabalha de forma independente como sentimento, estando enraizado em modelos institucionais e relacionais, que implicam em como amar, o que suportar e até onde se mantém uma relação. Isso torna o amor dentro da instituição casamento, algo não romantizado, mas regulado por interpretações culturalmente impostas e repletas de variáveis (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2017).

Uma terceira e última questão substantiva da crise dentro da heteronormatividade é a relação entre o ato sexual recreativo e o ato sexual reprodutivo. Geralmente os dois modos de expressão da erótica são postos em contraste, dentro da interpretação bíblicista cristã, como se um fosse próprio de uma vida desregrada e o

---

<sup>5</sup> Refere-se aqui a um membro participante de uma comunidade cristã ou denominação formal, como temos hoje, e que seja também batizado.

outro, ligado aos pressupostos do regramento e da moralidade. Tanto a modernidade, quanto a própria religião cristã moderna, não conseguiram delimitar os espaços de arranjo desta questão.

Tanto a maternidade quanto a paternidade podem ocorrer dentro e fora dos enlances matrimoniais, excluindo os ditames da igreja, assumindo o formato de um compromisso individual entre os parceiros, tendo forte enlace moral. Nem mesmo os matrimônios propriamente cristãos, celebrados em cartórios e igrejas hoje, garantem a vida sexual como meio de geração de filhos (GIDDENS, 1993).

A heteronormatividade, travestida de virilidade e transformada em prole, a ser regida pela educação familiar, não é algo mais patente, seja por questões biológicas ou mesmo pela lógica do planejamento familiar. Contudo, nem por isso, casais que “demoram demais” para terem filhos, ficam a salvo de críticas, como se usassem seu relacionamento como forma de ter acesso ao sexo regulado de forma apenas recreativa.

As críticas vem sempre carregadas de uma certa obrigatoriedade de ligação do sexo a procriação, pela famosa frase do livro de Gênesis 1, 28 (BÍBLIA, 1995): “sede fecundos, crescei-vos e multiplicai-vos”. Esta regra atingia nas interpretações no Antigo Testamento, prioritariamente as mulheres inférteis e necessitadas de terem suas “mães abertas pelo milagre”, para assim terem acesso ao “privilégio da concepção”.

A manutenção desta lógica impõe também ao homem um modelo de paternidade, para se moldar como um chefe de família completo, pois sem filhos, seria apenas um marido de uma família incompleta. Portanto, a heteronormatividade não implica só na união dos dois sexos, mas na procriação a ser apropriada por tal união, como exercício modelo, de transformação da sexualidade em algo para além do prazer recreativo.

A que se dizer, diante destas pressões religiosas coletivas, hora veladas, ora mais abertas, que foi possível ver situações em que estes princípios ligados à reprodução exerciam sua força sobre casais que ainda não tinham filhos, como chamados constantes para orar pelos casais nesta situação e recomendações públicas de uso de medicamentos que combatem a infertilidade, em tom de brincadeira e risos. Estas são algumas das evidências que tivemos, além dos “relatos de púlpito”, aqueles momentos que as críticas aparecem em meio às próprias pregações públicas:

Para os casais que ainda não tem filhos, acredito que nesta situação, estas famílias são tristes, não tem a alegria de ter uma criança correndo em casa. Quanto eu chego em casa e vejo minhas crianças correndo e fazendo bagunça eu sinto alegria. A casa fica animada. As vezes me incomodo, mas esta é a razão porque sempre tem movimento, gente conversando, rindo. Numa família que é só o casal, isso não tem, não acontece isso. (Relato do pastor I. J.).

O problema aqui é que a ordem do “sede fecundos, crescei-vos e multiplicai-vos”, é interpretada às últimas consequências reprodutivas, com casais que se submetem a ter 4, 5 e 6 filhos e se recusam a fazer uso de métodos contraceptivos, mesmo em casos de risco na gravidez, ou que acham na reprodução uma forma de reforço de uma virilidade e de uma reprodutividade que lhes dão certo orgulho pessoal. Nestas circunstâncias, vários casais que não se enquadram nos padrões estabelecidos, são colocados a margem, como pessoas que não seguem um modelo específico de família cristã, alicerçada em interpretações dogmáticas e controversas.

O resultado disso é uma série de problemas que começam nos lares e invadem as áreas eclesiais. Desde problemas com os próprios casais, até os julgamentos de toda ordem que a comunidade emite aos de comportamento fora do padrão. Neste sentido e tentando minimizar os problemas, além de provocar os ajustes ao modelo de heteronormatividade impostos, é que desde a década de 1990, também chamada de “década da colheita”, são feitos encontros eclesiais para casais. O motivo é o aumento numérico, gerando problemas nesta área e a necessidade eminente de um cuidado específico (ALENCAR, 2011).

Assim surgem os pastores itinerantes especializados em ofertar para casais, encontros românticos em igrejas, que misturam formação doutrinária com aconselhamento pastoral, diante de problemas cotidianos, reforçando a necessidade da aceitação conveniente dos papéis, sem recorrer a violência física, apesar de manterem a simbólica. Tentam convencer, assim, sobre a indissolubilidade do casamento, preparando os jovens para uma escolha “madura” e “sensata” do casamento, como dispositivo de educação sexual e regulação corporal. Além disso, o aconselhamento do cuidado com a casa e os filhos para os já casados. É sobre as características deste mercado e de sua disseminação que iremos tratar agora.

## A necessidade de ajuste: o mercado dos encontros de casais

Dentro das respostas aos problemas do casamento heteronormativo, monogâmico e heterossexual, defendido pelo cristianismo contemporâneo, em sua versão pentecostal, colocamos a capacidade inspiradora dos textos bíblicos, fazendo-se presente discursivamente. Não falamos especificamente da bênção cerimonial dada ao casamento, mas da questão da inspiração dada aos casais para se comportarem “como convém aos santos”. Isso leva em conta os aspectos que já citamos na primeira seção, mas, mais que isso, a disposição dos “guias” religiosos orientadores da boa conduta matrimonial.

Estes em nosso trabalho serão chamados de profetas em função itinerante, ao mesmo tempo em que, em suas comunidades religiosas fixas, são sacerdotes funcionários ou mesmo dirigentes de denominações (portanto, chefes religiosos).

Neste caso, o que pretendemos expor é que estes mesmos agentes, em vista da demanda interna criada pelo problema da conduta familiar, fomentam um mercado em que os próprios religiosos adquirem uma posição de destaque como orientadores, alguns deles, inclusive, com formação em Psicologia (ALENCAR, 2011).

Para a exemplificação deste mercado, vamos citar dois casos locais: Alagoas (restrito a questão presencial e mais ritualístico) e Rio de Janeiro (presencial, aberto para um público misto e expansivo nacionalmente, pelo recurso midiático). Em ambos, não temos especificamente a ênfase na figura pessoal dos palestrantes, mas a evidência da forma como eles articulam sua atuação a doutrina e a consolidação da necessidade de formação deste gênero.

O primeiro é o do pastor, J. S. que desenvolve uma forma interessante de articular suas formações. Num primeiro momento, este lança obras que tem como base as temáticas em questão: são duas as mais conhecidas, citando por temas para manter o sigilo. Uma que fala sobre os jovens e o desafio do mundo atual e outra sobre a formação religiosa de casais. Na primeira já é possível ver a preocupação:

O sexo tem um objetivo todo especial, por isso é que achamos por bem tratar deste assunto com muita clareza, visto que, em pleno séc. XXI ainda tem sido um tabu falar sobre o mesmo. Podemos apresentar o sexo do ponto de vista físico criado para a perpetuação da espécie. Já na visão social, o mesmo foi feito para a formação da família, através da união conjugal entre um homem e sua mulher, corroborado pelo texto de Gênesis 2.24, que diz: `por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá a sua mulher, e eles se tornarão uma só carne` (tradução NVI). Dentro de uma visão moral, o sexo foi criado para dignificar a espécie, através de um relacionamento sadio e consciente. Por fim, dentro do aspecto espiritual, o sexo foi criado para glorificar a Deus na multiplicação dos seres vivos. Por este ato o homem torna-se participante do plano criador de Deus. (Relato do pastor, J. S.).

E complementa, argumentando:

O sexo não é pecaminoso: é uma força dinâmica que precisa ser controlada. O sexo torna-se pecaminoso quando alguém o conduz ao pecado. O sexo existe para cumprir uma tarefa. Ele não deve controlar o jovem crente, mas deve ser controlado com inteligência e dignidade [...] (Discurso do pastor J.S., inspirado em seu livro).

Tive a oportunidade de ver este material sendo exposto para casais in loco, dentro da igreja e a membresia<sup>6</sup> ouvia atenta a exposição, com exclamações aleató-

<sup>6</sup> Grupos de membros registrados e batizados de um determinada instituição religiosa (igreja).

rias de “Amém” e “Glória a Deus”, confirmando discursivamente o que na prática depende muito da formação de um *habitus* pessoal e mais que isso, de um *habitus* orquestrado. A exposição inicial destes encontros segue os pontos da heteronormatividade já traçados aqui: liderança masculina frente a família, a indissolubilidade da união e a busca por uma “pureza sexual”, que é comumente alicerçada por versículos bíblicos, entre eles, alguns aqui citados na fundamentação do amor na visão cristã. Seguindo com a programação, temos os momentos em separado por grupos de gênero: com o pastor ou palestrante, ficam os homens e com sua esposa, muitas vezes denominada simbolicamente de pastora, ficam as mulheres. Neste sentido, é também um encontro de casais, usando a estratégia de formação feita por um casal. Simbolicamente, usa-se aqui um modelo de inspiração prática para dar substância aos argumentos religiosos.

Nos grupos, os assuntos abordados são mais ligados às questões de saúde física, mental e sexual e também de aconselhamento coletivo e depoimento pessoal. Guardado certo sigilo de detalhes, homens e mulheres expõem suas opiniões sobre cuidados básicos necessários e práticas sexuais, levando em conta, neste segundo ponto, sempre uma curiosidade dos limites (para os homens) e de uma necessidade de imposição de limites (para as mulheres). Vimos cerca de quatro destes encontros e o *modus operandi* é ritualístico. O curioso é que ninguém ousa ultrapassar os limites que a heterossexualidade controlada permite aceitar. Isso do lado masculino se evidencia por uma afirmação de virilidade, que pode variar de autossuficiente a acanhada, acompanhada dos olhares de quem ouve e faz seus julgamentos quanto a performance discursiva do colega de igreja, em sua exposição de dúvidas ou argumentações.

Num terceiro momento temos os jogos. Estes são modelos rápidos de “testes de afinidade”, que promovem uma gincana com prêmios para quem acerta os gostos pessoais de comida, vestimenta e outros gostos em geral do parceiro/parceira, testando se o tempo de convivência gerou afinidade e conhecimento mútuo. Mais que isso, evidencia os níveis de atenção masculina e feminina na relação. Os pontos de assimilação das regras de mando e chefia da casa são testados, tanto quanto os de serviço e obediência. Nota-se isso pelas perguntas, quanto as preferências e as vontades, perguntas que parecem desinteressadas, mas que tem conotação cognitiva no referente aos padrões de relações conjugais.

Por fim temos o momento das “declarações de amor”. Este é o momento em que os corações de papel laminado, o tapete vermelho, as rosas com seus enfeites e arranjos são colocados em toda a igreja. Todos os casais são perfilados próximos ao púlpito e é colocada uma mesa muito bonita. Em frente a ela cada casal que é chamado, marido e esposa, fazem a declaração amorosa, buscando manter o contato singelo e harmonioso naquele momento. Esta situação pode ser chamada de uma construção da fachada relacional, de um casal que demonstra afeto e atenção (GOFFMAN, 2010).

Estes seriam requisitos necessários a prova de convívio familiar aceitável e mais que isso, uma tentativa de encobrimento de conflitos e ajuste de afinidades.

Este é um modelo de encontro de casais que implica em processos de inscrição e compra de material, que podem ser as próprias apostilhas ou livros feitos pelo pastor palestrante ou casal palestrante. Podem ser acrescidos valores relativos a compra de presentes e decoração. Contudo, mas que um modelo de encontro, se mostra com uma espécie de liturgia própria para casais, envolvendo os já casados, os noivos e os que namoram. Este modelo encerra uma forma de arrecadação que não tem largas dimensões em termos de lucro, mas evidencia aos poucos o nome do pregador ou casal ministrante, a ponto de galgarem o status de conferencistas para casais.

O outro modelo de pregação para casais é o modelo de conferência, feito de forma individualizada (com pastor ou pastora)<sup>7</sup>, como no caso do pastor Cláudio Duarte, famoso por suas pregações, que ganham a mídia através dos vídeos postados no *youtube*. Suas conferências (pregações), atraem espectadores in loco, que dentro ou fora dos círculos eclesiais, buscam orientação em eventos em que este e outros agentes estão expondo a “palavra de Deus”, por meio diálogos que vão desde a pregação expositiva, ao *coaching*, a autoajuda, passando também pelo *stand-up*. Como ilustração temos um dos relatos destas referidas exposições:

Não aprendi com Jesus não, mas deveria ter aprendido. Porque Jesus é tão esperto que Jesus falou: Pai! Eu vou a terra, vão cuspir em mim, vão conspirar, vão querer me matar, vão me por uma coroa de espinhos, vão me furar, eu morro, agora casar, essa loucura eu não vou fazer não! (Pastor Cláudio Duarte - Culto de 04/02/2014).

A questão principal é o remodelamento desde padrão. As conferências abrangem um discurso mais aberto, buscando dar aos “não crentes” ou não evangélicos, uma exposição aparentemente mais “próxima” do evangelho, na versão: “examine-se a si mesmo” e “faça apenas o que for bom para os dois e por consenso mútuo”. Isso abre um leque de possibilidades que não se encerram no simples pode ou não pode. Além disso, tentam a todo tempo alertar para a necessidade de vigilância das pequenas coisas, como fatores como arrumação da casa, uso de roupas e modéstia, atenção aos gostos pessoais de cada um e respeito mútuo. É uma orientação na forma de receituário, que pode ser feito em tom de alarme ou mesmo piada, gerando atenção e risos de um povo que constitui ali, mais do que uma plateia, uma congregação em potencial.

---

<sup>7</sup> O modelo de conferência ganha cada vez mais espaço, através da abertura de trechos pela internet, diferente do programa televisivo Escola do Amor, por exemplo, apresentado pelo casal Renato e Cristiane Cardoso, ambos membros da igreja universal e familiares de Edir Macedo, que são feitos de forma mais ampla, com programas periódicos e lançamento de livros no formato de autoajuda.

Este último modelo se alia ao primeiro como forma de alcançar um público já cativo ou mesmo misto. Por isso, esta estratégia é também uma estratégia de evangelização, focada em uma formação da credibilidade da instituição religiosa promotora, como uma verdadeira defensora da família em seu modelo heterossexual e monogâmico, voltado para geração e formação de filhos, seguidores de uma determinada doutrina e interpretação cristã, que se reproduz com força neste séc. XXI no Brasil.

## Considerações finais

Este artigo buscou evidenciar elementos que nos ajudam a entender as concepções de amor e casamento, envolvidos na questão da heteronormatividade cristã pentecostal. Seu processo de elucidação passa pela inevitável transcrição de trechos bíblicos, que mostram esta versão religiosa e nos permitem, principalmente, mostrar sua aplicação no contexto cultural.

Disso resulta uma importante observação analítica, que se encontra na relação entre interpretação doutrinária e realidade social (contextos relacionais, entre os casais). Por isso os postos elegíveis dentro da crise da heteronormatividade, buscaram evidenciar que a autoridade paterna, a indissolubilidade das uniões e sexualidade como padrão de reprodutividade, não são apenas pontos questionáveis, mas dentro da própria lógica religiosa, são questionados aos seus alcances.

Por fim, evidenciamos também as tentativas de recomposição dos modelos de amor, casamento e, portanto, do modelo heteronormativo, por meio dos chamados encontros para casais. Estes são vistos neste artigo como forma de realinhamento e formação de mercado para o público interno e externo, além de mecanismo de evangelização, mediante abertura do discurso dos agentes religiosos para o público.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon Freire de. **Matriz pentecostal brasileira**: Assembleia de Deus – 1911-2011. São Paulo: Novos Diálogos, 2011.

BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. **Bíblia Sagrada**. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

BEAVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. V.1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

BECK, Ulrick; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. **O caos totalmente normal do amor**. Petrópolis: Vozes, 2017, p.25-27.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

- BOURDIEU, Pierre. **Meditações pascalinas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BRUCE, Frederick Fyvie. **História do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2019, p.137-151.
- CORREA, Marina dos Santos. **Assembleias de Deus: ministérios, carisma e exercício do poder**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013, p.79-98.
- DOUGLAS, Mary. **Como as instituições pensam**. São Paulo: EDUSP, 2007.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.3.
- ELIADE, Mircea. **História das crenças religiosas**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p.295-299.
- ELIAS, Norbert. **Escritos e Ensaios**. Vol 1. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p.21-33.
- FOUCAULT, Michel. As confissões da carne. In: FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. Vol. 4. Lisboa: Relógio D'água, 2019, p.276-277.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1993, p.109-118.
- GOFFMAN, Erving. **Comportamentos em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos**. Petrópolis: Vozes, 2010, p.14-22.
- GONZÁLEZ, Justo. **História Ilustrada do Cristianismo**. Vol. 1. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.18-20.
- GOWER, Ralf. **Novo manual dos usos e costumes dos tempos bíblicos**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p.61-67.
- LÉONARD, Émile G. **O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social**. São Paulo: ASTE, 2002, p.325-327.
- LEMAIRE, André. **História do povo hebreu**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do perentesco**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999, p.198-199.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Protestantismo brasileiro, uma breve interpretação histórica. In: **Sociologia da Religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2004, p.49.
- KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos Costumes**. Lisboa: Edições 70, 2009.

*James Washington Alves dos Santos*

**Submetido em:** 28/06/2021

**Aprovado em:** 07/07/2021

**Publicado em:** 10/09/2021